

# Crônicas do Capixabão: Uma breve descrição etnográfica da pré-temporada do Vitória Futebol Clube<sup>1</sup>

Leonardo Vinicius Rodrigues de Mendonça – UFES/ES

*“Os jogadores famosos têm o dinheiro que a gente quer, mas nós temos a liberdade que eles não têm.”*

Werley, atacante do Vitória

De acordo com o livro “A História do Vitória Futebol Clube em fotos e fatos”:

“Há registros de que em 1906 o futebol já era praticado em Vitória, nas imediações do Moscoso (antes do parque ser construído) e na rua Sete, prática que foi estimulada pelo governador da província Jerônimo Monteiro, à partir de 1908.

O Victoria Football Club surgiu oficialmente em primeiro de outubro de 1912. É o clube de futebol do Espírito Santo mais antigo em atividade.

Foi fundado por jovens das famílias Tovar, Monteiro e Batalha. Alguns deles – como Jair Trovar e o futuro senador Nelson Monteiro – eram alunos da Escola Militar do Rio de Janeiro e trouxeram a novidade para o Estado. Foram eles que trouxeram a primeira bola, comprada do Fluminense.” (DUTRA, 2015, p.4)

A trajetória do clube não é notável pela quantidade de títulos e por conquistas relevantes no cenário nacional<sup>2</sup>, principalmente na comparação com os rivais Rio Branco e Desportiva, mas o Vitória se destaca por ser atualmente o único clube com sede e estádio próprio na capital:

“Segundo o historiador Leonardo Pinto, responsável pelo site oficial do Vitória Futebol Clube, o clube alvianil perdeu o estádio Governador Bley, construído na década de 40, em Jucutuquara, numa contenda palaciana para o Rio Branco.

“O estádio Governador Bley era pra ser do Vitória. Mas o dirigente alvinegro Carlos Marciano de Medeiros, muito ligado ao interventor militar do Estado na época, Punaro Bley, acabou influenciando e levou o estádio para o Rio Branco”.

Só no início da década de 60 os dirigentes do Vitória conseguiram – através da troca de um terreno em Jardim América, próximo a estação Pedro Nolasco – a doação do terreno em Bento Ferreira, cedido pelo governo do Estado, que foi aterrado para a construção do estádio Salvador Costa, inaugurado oficialmente em 1967, num amistoso com o Botafogo (RJ).” (DUTRA, 2015, p.32)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>2</sup> Apesar de perder no número de torneios estaduais conquistados, o Vitória FC se orgulha de ser o único capixaba a ostentar um título internacional, troféu considerado como o maior feito da história do clube. Trata-se da Korea Cup de 1979, competição na qual derrotou o Racing da Argentina, o Danubio do Uruguai e a seleção da Coreia do Sul. (DUTRA, 2015, p.52)

O estádio do Vitória é modesto e a capacidade atual é inferior a 5000 torcedores, o que impossibilita o clube de receber em casa jogos de fases avançadas da Copa do Brasil e da Série D. Anos atrás, era possível aumentar essa estrutura recorrendo a arquibancadas provisórias e o recorde de público segundo a wikipedia aconteceu na final do Capixabão de 2006, onde o esquadrão que contava com o falecido Everton Kempes<sup>3</sup>, venceu o Estrela do Norte por 3x1, para um público de mais de 7000 pessoas.

O Salvador Costa fica localizado no que é hoje uma área privilegiada da cidade, em um bairro de classe média chamado Bento Ferreira. Este bairro é cercado por uma série de bairros mais periféricos, alguns deles em morros, como Jesus de Nazaré, Gurigica, Romão, entre outros. Vemos aí um contraste interessante entre a história oficial do clube e o que é a realidade de quem vive o cotidiano dali:

“Desde sua fundação – e até os dias de hoje – o Vitória Futebol Clube é considerado o time da elite do futebol capixaba.

Suas raízes aristocráticas podem ser conferidas na foto do time que conquistou o campeonato estadual de 1920, do qual fez parte o futuro governador do Estado Jones dos Santos Neves, que jogava de “center-half”.

Durante os seus 15 primeiros anos de existência, não há registros de jogadores negros nos quadros do “Victoria Football Club”. (DUTRA, 2015, p.6)

O cenário hoje é diferente, mas o clube ainda tem e reivindica essa “aura” aristocrática. Pelo menos desde 2016, quando venceu a série B do estadual e pode retornar à primeira divisão capixaba, o Vitória tem se esforçado para equilibrar suas finanças e passar a imagem de um clube organizado e que paga os salários em dia. Os membros da diretoria são, desde sempre, homens idosos, brancos e endinheirados. Já os funcionários, são em sua maioria são negros, incluindo os jogadores e os dois treinadores que passaram pelo time durante o período que acompanhei.

O documentário intitulado “Vitória F.C.” de Igor Pontini e Vitor Graize (2014)<sup>4</sup> oferece um panorama completo da atmosfera do Salvador Costa em um dia de jogo. Para quem vai ao estádio atualmente, existe uma divisão espacial das torcidas que é nítida: na maior parte das arquibancadas de concreto ficam os torcedores que preferem assistir às partidas sentados. Muitos ali são parentes de jogadores, jogadores não relacionados, jogadores da base e um público mais volátil, que vai aos jogos conforme a importância da partida e a fase da equipe; na parte central há um pequeno setor com cadeiras reservado para sócios e membros da diretoria que costumam assistir os jogos ali; à esquerda desse

---

<sup>3</sup> Kempes, que se destacou em alguns clubes nacionalmente, faleceu no acidente do avião da Chapecoense. O Vitória para homenagear ele e Ailton Canela, que também passou pelo clube e foi vítima dessa tragédia, inaugurou um camarote com seus respectivos nomes.

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2neDtC4mfbY&t=5s>

setor, fica o lugar que se tornou tradicional para a principal torcida organizada do clube, a Sangue Azul, grande responsável pela festa com papeis picados, fogos, banda e um repertório de canções próprias e várias adaptadas de outras torcidas para o Vitória; por fim, há um alambrado onde é possível assistir à partida em pé, bem próximo ao campo.

É onde me sinto mais à vontade para acompanhar as partidas hoje, pois ali encontra-se um meio termo entre a passividade dos espectadores sentados e a pressão que a torcida organizada exerce para que se participe de seus rituais, sentimento esse bem descrito na crônica do torcedor alvianil Arnon Manhaes (2021) ao acompanhar uma partida decisiva pela série D do brasileiro:

“Francos eram os temas dos burburinhos prévios do alambrado: as inconstâncias do lateral direito, a dependência química do ponta esquerda, a confusão tática do treinador, a consideração estratégica pela disputa de pênaltis... A partida começou com o adversário ditando o ritmo e nos controlando por completo. Nada podia fazer a harmonia dos nossos surdos e metais, que atravessava despercebida na atmosfera dominante das expectativas decrescentes. A tensão e a desconfiança, enquanto condições precedentes à possibilidade de ação, converteram-se em inércia perante tal estado de coisas. Não há consequência mais racional do que a mais aguda paralisia por não ter a bola nos pés em uma partida como essa. A propriedade sobre a bola significa, dentre tantas outras coisas, a possibilidade iminente do chute rasteiro, a pior das artimanhas dos futebolistas que ocupam o nosso grau de desenvolvimento material. E o seu contraditório, a não-propriedade, significa justamente a sujeição alienada a tal dispositivo de horror. Com as condições infraestruturais de que dispomos, um chute rasteiro incapacita qualquer lenda europeia de se impor à frente do jovem carpinteiro que faz as vezes de camisa 9. Pouco importam as virtudes técnicas e estéticas da boa batida na bola e de sua consequente trajetória, desde que ela alcance o declive correto. A partida seguiu com nós amarrados e, entre um e outro sonoro alívio de espanto da arquibancada, eis que um camarada da torcida, desses que ditavam o fracassado ritmo dos surdos e metais, deu de costas para o campo e com os dedos em riste esbravejou contra nós: *canta, caralho, esquece o jogo!* ” (MANHÃES, 2021)

O episódio narrado pelo cronista é anterior a esta pesquisa, mas na cena descrita eu estava ao lado de Arnon, sendo um dos que ouviu a bronca do agitador da torcida. Nessa situação vemos um exemplo claro da diferença entre *enxergar* um jogo e *torcer*, como propõe Toledo (2022):

“ (...) são dois modos ou momentos distinguíveis que suportam a sensibilidade em relação à fruição do futebol do ponto de vista do torcedor.

*Enxergar* exige um certo adestramento, uma afinação com a prática do futebol, cuja sensibilidade, muitas vezes, é treinada no contexto da sociabilidade, na vivência como “boleiro” em times de várzea, no acompanhamento dos campeonatos amadores ou profissionais, no espaço da vizinhança, nos jogos escolares, no consumo do saber imposto pelos *especialistas* a partir dos vários meios de comunicação disponíveis, enfim, faculdade que envolve todo um aprendizado contínuo inscrito na biografia de milhões de indivíduos que experimentaram o futebol de variadas maneiras. (...)

Já *torcer* não necessariamente requer uma organização mais acurada dessa sensibilidade no sentido da decodificação das jogadas, dos esquemas

táticos ou das *formas* padronizadas do jogar. Pois na verdade, uma outra organização, que transborda a dimensão mensurável do jogo como uma sucessão de técnicas individuais e coletivas em movimento, já está dada de antemão por representações consolidadas em estruturas simbólicas mais estáveis que as contingências táticas apresentadas em uma partida. Um modelo preponderantemente mais mecânico, de afinidade e fidelidade, de esquivas e indiferença, em relação aos times assegura ao torcedor o exercício de uma outra lógica, a de *torcer*.” (TOLEDO, 2022, p.482-485)

O alambrado do Salvador Costa é o local do estádio que mais nos convida a navegar por essas lógicas distintas. Podemos *enxergar* os detalhes da partida de um ponto de vista privilegiado, ouvir a comunicação dos jogadores, acompanhar o desenrolar das jogadas, mas também é possível *torcer*, acompanhar o canto da torcida, incentivar os atletas e participar da festa em momentos pontuais, dada a facilidade de se subir e descer das arquibancadas. É interessante ainda notar como ali facilmente esbarramos com *torcedores-boleiros* e *torcedores-especialistas*, categorias definidas respectivamente por Toledo como aqueles tipos que comentam o jogo em tempo real, baseando-se em suas experiências de peladeiro para criticar os jogadores, e em seus conhecimentos táticos para “cornetar” as ações do treinador à beira do campo.

Navegando por essas lógicas me vi diante de uma outra, que dada a minha atividade precisei confrontar, lógica essa que seria do pesquisador. Aproveito esse ponto para começar a relatar minha convivência com o elenco.

## 2.2. *Crônicas do capixabão: bastidores, histórias e (con)vivências*

No dia 07/06/2022, já com o aval do presidente do Vitória, me apresentei ao treinador e a alguns membros da comissão técnica. À época, o clube estava na disputa da Copa Espírito Santo, competição que dá uma vaga na Copa do Brasil ao campeão. O Vitória já havia conquistado uma vaga na Série D por ter sido um dos finalistas do Campeonato Capixaba do mesmo ano, portanto, vencer a Copa ES significaria ter o calendário cheio para a temporada de 2023, contando com o aporte financeiro que a classificação para a Copa do Brasil proporciona.

O treinador do Vitória nesse período era Rodrigo Cesar, ídolo recente do clube e recém aposentado que estava dando seus primeiros passos como treinador. Antes de ser efetivado como treinador do Vitória, Rodrigo foi auxiliar do clube por duas temporadas e também teve passagens pelo Rio Branco de Venda Nova e pelo Aster Brasil. Portanto, assumir o clube para a disputa da Copa ES representava um grande desafio para o treinador novato e a pressão da torcida e da diretoria eram grandes. Rodrigo foi muito

simpático comigo e em nenhum momento ofereceu barreiras para o exercício da minha pesquisa. A parte mais difícil foi explicar para ele e os outros membros da minha comissão o que eu estava pesquisando, e qual seria a minha atividade ali. Eu apenas disse que gostaria de frequentar os treinamentos para estudar como funcionava a organização de um time de futebol. Apesar de ter explicado que era estudante de ciências sociais, todos achavam que eu era jornalista, e brincavam (com um certo tom de desconfiança legítimo) com a possibilidade de eu ser um espião. Para afastar esses rumores, me apresentei como torcedor do clube, o que de fato sou. Procurei sempre ir ao clube uniformizado, para reforçar minha identidade como torcedor-pesquisador.

A primeira coisa que me chamou atenção, no entanto, foi o fato de o Vitória possuir um analista de desempenho. Essa profissão tem crescido nos últimos anos e cursos de formação para analistas têm se tornado cada vez mais populares. O trabalho de Shamah (2021) traz um panorama geral a respeito da análise de desempenho no Brasil. De acordo com dados trazidos pela pesquisa, há um aumento exponencial de 2000 até 2015 em publicações sobre análise de desempenho no futebol na base de dados do portal Web of Science e também em teses publicadas com essa temática. Atualmente, a CBF e até mesmo clubes como o Barcelona<sup>5</sup> investem em portais de ensino a distância que oferecem cursos de análise de desempenho, marketing e até mesmo técnicas de treinamentos para diferentes valências que vão desde treinos físicos até neurobiologia e psicologia esportiva. O analista do Vitória na época se chamava Maxwell. Max, como era chamado por todos, era estudante de pós-graduação em Educação Física na UFES e sua pesquisa estava relacionada ao uso de ciência de dados no futebol. De acordo com ele, a função de analista de desempenho existe no Vitória desde 2018, o que demonstra que o clube está atento às tendências do futebol contemporâneo. Foi possível notar logo de cara que Rodrigo e Maxwell possuíam uma boa relação, e Rodrigo gostava do *feedback* trazido por Max, principalmente na hora de analisar os adversários.

Completavam a comissão, além de Rodrigo e Maxwell, Fábio, o preparador físico, Orlando da Hora, assistente técnico e o preparador de goleiros Erazo. Existia uma relação curiosa entre o assistente técnico e o treinador. Rodrigo Cesar já foi auxiliar de Orlando da Hora, mas com o passar do tempo e de outras trocas no comando, eles acabaram

---

<sup>5</sup> O Barcelona possui o Barcelona Innovation Hub, uma plataforma oficial do clube espanhol, que tem por objetivo, conforme está no site, “promover a profissionalização na indústria esportiva a partir de uma experiência de aprendizado transformativa”. [“is to promote professionalization in the sports industry through a transformative learning experience”]

invertendo as funções, situação essa que criava alguns conflitos. Orlando é um personagem famoso no futebol capixaba por ser um conhecido empresário de atletas tendo se notabilizado por empresariar o craque ex-Internacional e seleção brasileira Nilmar. Rodrigo Cesar em sua carreira como jogador também já havia sido empresariado ele. A experiência de Orlando e seu conhecimento sobre futebol contrastavam em muito com a visão mais técnica e acadêmica de Maxwell, que apesar de ser apenas o analista, na prática, trabalhava como um assistente técnico, ajudando na organização dos treinamentos. Rodrigo Cesar assumia um papel de mediador entre essas figuras e o elenco, que também tinha problemas com a personalidade difícil de Orlando.

Sobre os jogadores, meu primeiro contato com eles foi logo depois de me apresentar à comissão. Acompanhei pela primeira vez o treinamento, e como de costume, todos acharam que eu era jornalista. Meu visual causava algum estranhamento, pois nenhum jogador tinha cabelo grande e a flagrante aparência de *playboy*. Diferente do que ocorre com a maioria da população capixaba, e não podia ser diferente, foi possível perceber rapidamente que os atletas acompanham profundamente o futebol capixaba, seja por querer assistir os adversários, seja pelas amizades que existem entre eles, já as transferências entre os clubes locais são frequentes (é muito comum, por exemplo, muitos jogadores de um mesmo elenco disputarem a primeira e a segunda divisões estaduais por clubes diferentes).

Esses foram os meus primeiros contatos com atletas e comissão, contudo, meu período de observação participante só teve início na pré-temporada de 2023, que teve início no dia 01/12/2022. O Vitória acabou se sagrando campeão da Copa ES, cumprindo seu objetivo e assegurando a vaga para a Copa do Brasil ao bater o rival Rio Branco na disputa de pênaltis. Foi o primeiro título da carreira de Rodrigo Cesar como treinador, e a temporada de 2023 seria a sua primeira oportunidade comandando uma equipe desde o início do ano, fazendo parte do planejamento e avaliando possíveis reforços e mudanças no elenco de acordo com o que ele desejava para a equipe.

Com o calendário cheio, e competições atraentes como a Série D e a Copa do Brasil, o Vitória conseguiu manter seu elenco e se reforçar em posições carentes. O serviço de *scouting* ficou por conta de Maxwell. Em uma oportunidade ele me contou que devido a sua pesquisa na universidade, ele tinha acesso a um banco de dados compartilhado por clubes como Criciúma e o Vitória-BA, onde haviam estatísticas de diversos atletas. A dinâmica por tanto era a seguinte: o analista identificava posições carentes, filtrava possíveis reforços no banco de dados e sugeria ao treinador. Se este se

convencesse da qualidade do atleta, aí sim a diretoria entrava em ação para tentar a contratação. Mas nem todas as contratações passariam pelo crivo da análise de desempenho. Alguns atletas eram jogadores de confiança de Rodrigo Cesar, que possui um grande conhecimento do mercado local. Além disso, haviam os jogadores sugeridos por Orlando da Hora, que exercia um conflitante papel como empresário, diretor de futebol e auxiliar técnico sendo que muitos jogadores que subiam das categorias de base eram indicações de Orlando, alguns deles tendo ele como empresário.

Outra novidade que a temporada trouxe foi a construção de um campo de *society*, em um espaço que funcionava como estacionamento dentro da parte social do clube. O Vitória não possui um centro de treinamento e os trabalhos durante a semana são feitos no próprio gramado em que o time manda seus jogos. O campo sintético, parece ter sido inicialmente projetado para oferecer uma opção a mais para os treinamentos em dias que o uso do campo estivesse impossibilitado, contudo, o espaço é muito pequeno para comportar atividades com um elenco que conta com mais de 25 atletas. Além de funcionar como local de treinamento de uma escolhinha de futebol particular para algumas crianças do bairro, o principal uso do campinho sintético parece ser mesmo para os sócios-torcedores organizarem suas peladas, sendo raras as vezes que presenciei o espaço ser utilizado pelo time principal.

Os primeiros treinos realizados, inclusive, foram todos em lugares diferentes, devido às fortes chuvas que impediam o uso do gramado do estádio. O primeiro treino foi na sede do clube, o segundo, no Parque Pedra da Cebola e o terceiro no Clube Alvares Cabral. As categorias de base, contudo, treinam em um campo *society* com dimensões parecidas a de um campo de futebol profissional, localizado na Curva da Jurema, um local próximo à sede do clube. Em uma dessas ocasiões em que o gramado estava sendo utilizado para outra atividade, fiquei sabendo que o time profissional iria treinar lá. Acabei chegando mais cedo e com isso tive a oportunidade de acompanhar o final do treino dos meninos do sub-20. Para minha surpresa, pelo menos até aquele momento, o treino dos jovens aspirantes parecia ser mais intenso do que eu havia visto do time profissional e a abordagem e o estilo de comandar as atividades do treinador da base eram visivelmente diferentes dos de Rodrigo Cesar. O treinador da base, mais jovem e, assim como Maxwell, também da área da educação física, se comunicava com os garotos utilizando uma linguagem técnica e conceitos abstratos. Essa diferença na maneira de compreender o jogo apareceu em minhas observações por muitos momentos, com diferentes personagens, mas esse tema será discutido com mais profundidade posteriormente.

Voltando ao treino dos profissionais, essa primeira etapa da preparação consistiu em treinos de resistência física, circuitos e treinos na academia. Nessa primeira etapa da pré-temporada, o objetivo era colocar os jogadores minimamente em forma, por isso houveram poucos treinos com bola e quem comandava as atividades de fato era Fábio, o preparador físico. Além dele, Helvio Affonso, Phd em fisiologia e bioquímica esportiva, fez uma parceria com o clube em troca da divulgação de seu trabalho e ajudou o time nessa fase de preparação. O fisiologista com experiência em jogos olímpicos e diversas competições de atletismo recolheu amostras do sangue dos jogadores durante o início da pré-temporada, prometendo um melhor controle da fadiga dos atletas e auxiliando na prevenção de lesões<sup>6</sup>.

Em um dos treinos físicos, foi solicitado aos jogadores que dessem 10 voltas ao redor do gramado, com a meta de realizar pelo menos uma vez o percurso em menos de 50 segundos. Poucos jogadores se destacaram nesse treinamento, o que fez com que Rodrigo Cesar se esforçasse em motivar o grupo. A forma como ele o fez chamou muito minha atenção. O treino, que ocorria por volta das 10h da manhã, acontecia em meio a um calor absurdo e um sol forte. Nesse período do dia quase não há sombras no gramado, somente em uma pequena faixa onde ficava a comissão técnica e eu. Rodrigo decidiu que iria se juntar aos jogadores na maratona ao redor do campo para tentar motivá-los e inclusive me convidou a correr também, embora meu desempenho tenha ficado bastante aquém. Além de correr junto aos jogadores, o técnico da equipe gritava: “Vamos correr pessoal, que daqui a 6 meses eu não quero ver ninguém aqui! Vocês acham que daqui a 6 meses eu quero estar no Vitória?!” Para um jogador, atacante e esperança de gols da equipe, Rodrigo gritava: “Vamo *Miranda*<sup>7</sup>! Vamo ganhar dinheiro! Você não quer sair de Feu Rosa? Vamo morar em Camburi, Praia do Canto! Bento Ferreira pelo menos! ”.

Esse episódio me lembrou uma entrevista coletiva concedida por um jogador do Fortaleza anos atrás que ficou nacionalmente conhecida devido ao ato falho do jogador, que teve um lapso de sinceridade e, ao ser perguntado como se sentia com a renovação do contrato, respondeu: “Estou feliz pela renovação, mas vou trabalhar forte esse ano

---

<sup>6</sup> Em uma análise posterior, contudo, podemos verificar que durante toda a temporada de 2023 o Vitória sofreu com lesões, sendo que alguns atletas titulares em 2022 mal conseguiram atuar por mais de um jogo consecutivo. Os exames do fisiologista apontaram atletas com maior potencial de desenvolver lesões musculares, porém, aí entra uma questão estrutural do clube, que não tinha condições de fazer um rodízio adequado dos atletas.

<sup>7</sup> Afim de preservar a identidade dos jogadores e dificultar a identificação deles a partir das histórias que estou relatando, utilizarei nomes fictícios toda vez que estiver me referindo à atletas. Os nomes dos membros da comissão técnica e dirigentes são verdadeiros, pois de qualquer maneira são pessoas fáceis de identificar com uma simples pesquisa.

para, se Deus quiser, ir embora este ano mesmo”<sup>8</sup>. Retomando aqui um ponto anteriormente comentado, essa foi a primeira vez que me recorde de ter sido convocado a pensar aquela realidade não enquanto torcedor, ou especialista, mas enquanto pesquisador, embora eu pertença um pouco a cada uma dessas diferentes “lógicas” (Toledo, 2022). Até aquele momento, segundo pude apurar com colegas da diretoria, o teto salarial do elenco girava em torno de 5 mil reais mensais. Durante o citado treino, um dos jogadores não conseguiu concluir as dez voltas ao redor do gramado. O atleta em questão havia sido diagnosticado com um problema cardíaco no dia anterior, que ainda precisava ser melhor investigado. Esse é o tipo de situação que pode comprometer toda a carreira do jogador, que no caso, já era um veterano.

Em uma conversa com o elenco, que aconteceu algumas semanas após a situação que estou narrando, o presidente do clube, à época, Rodolfo Fernandes, discursava sobre a importância que um possível acesso para a Série C representava para o Vitória Futebol Clube, para a capital do Espírito Santo e para o futebol capixaba em geral. A disparidade financeira do futebol brasileiro é abissal. De acordo com dados da CBF divulgados em 2016<sup>9</sup>, 80% dos atletas assalariados ganham até 1 mil reais por mês. Rodolfo em sua palestra para os atletas relembrou o caso de Ximenes, defensor com passagem pelo clube em 2019. De acordo com o presidente, o jogador durante o período que defendeu as cores do alvianil ganhava apenas um salário mínimo e sequer era titular da equipe. Devido a lesão de um companheiro, Ximenes assumiu a titularidade por um curto período. Foi o suficiente para ele demonstrar o seu valor e conseguir uma transferência para um clube que disputava a série C. Hoje, em 2023, Ximenes disputa a Série B, e segundo Rodolfo, ganha mais de 10 mil reais mensais. O exemplo do ex-jogador do Vitória foi citado para incentivar os atletas a se dedicarem, ressaltando que a carreira de um jogador de futebol pode mudar do dia para a noite, basta estar preparado para quando as oportunidades surgirem. Em que pese o discurso meritocrático, sempre impreciso, parece ser verdade que exista um componente aleatório que pode favorecer o destino de jogadores que alcançam o status de profissional, mesmo em clubes periféricos no cenário nacional como são os clubes capixabas. Tendo isso em vista, Rodrigo Cesar, que também foi jogador, parecia acreditar que a promessa de uma vida melhor e mais confortável para si e para a

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/apos-renovar-contrato-jogador-admite-que-quer-trabalhar-forte-para-ir-embora-esse-ano-mesmo-bm7lxhysy1k6y1wa49fgui33v/>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/12/04/salario-medio-de-jogadores-de-futebol-nao-alcanca-nem-as-100-maiores-remuneracoes-de-contratacao.ghtml>

família é a melhor maneira de motivar os jogadores. Entre ele e o elenco existia, além de um entrosamento natural, dado sua personalidade amistosa, uma espécie de solidariedade de classe.

Após duas semanas de treinamentos que privilegiaram o condicionamento físico, os trabalhos com bola e treinos táticos começaram a ser predominantes a partir da metade do mês de dezembro. Visando a preparação, foi marcado um amistoso contra a equipe do Aster Brasil, um clube empresa conhecido por revelar jogadores. Em 2021, o Aster foi vice-campeão da Copa ES, e o time base daquela campanha, comandado por Orlando da Hora, era praticamente o time do Vitória para a temporada de 2023.

A partida amistosa foi vencida pelo Aster, que contava com um elenco jovem, em forma e com mais ritmo de jogo que o Vitória naquele momento específico. O resultado negativo impactou mais os jogadores do que a comissão, mas haviam sinais de que dali poderia surgir uma crise. Após essa derrota, os dirigentes passaram a acompanhar os treinamentos da arquibancada, e para mim que acompanhava os treinos de dentro do campo junto com a comissão e os jogadores, foi possível perceber uma pressão a mais.

Durante uma conversa no vestiário após o revés, Rodrigo Cesar assumiu a palavra em meio a roda de jogadores e fez um discurso interessante, refletindo sobre a necessidade do grupo se unir em torno de seus próprios objetivos, ignorando o que acham os dirigentes. Quando disse que o treinador e os jogadores compartilhavam um sentimento de classe, foi a isso que me referi. Rodrigo disse com todas as letras que é o trabalho deles, jogadores e demais funcionários que fazem o clube funcionar<sup>10</sup>, enquanto os diretores aparecem para apoiar o time somente quando os resultados são favoráveis. Nos primeiros sinais de fracasso, são os primeiros a abandonar o barco.

O retorno do time aos treinamentos foi novamente prejudicado pelo clima chuvoso, o que deixa o gramado em condições ruins e aumenta o risco de lesões, fatores agravados pela falta de chuteiras adequadas para os jogadores. À exceção de jogadores da base que nem sempre tinham chuteiras com a sua numeração a sua disposição no clube, a maioria dos jogadores profissionais preferiam utilizar chuteiras de campo sintético nos treinamentos, mas as vezes eram pegos desprevenidos pela chuva e não tinham chuteiras com travas maiores disponíveis. A relação deles com suas chuteiras era um detalhe a ser

---

<sup>10</sup> O discurso do treinador na ocasião narrada representa também um contraponto material à “história oficial” do Vitória, que se orgulha de suas origens aristocráticas. Como foi dito na introdução, é fato que os membros da diretoria representam uma espécie de casta, formada por empresários locais e pessoas influentes, mas o clube é efetivamente formado por trabalhadores, sejam eles funcionários, comissão ou jogadores, em sua maioria de origem humilde.

destacado pois é um acessório no qual de alguma forma eles depositam um pouco de suas personalidades, seja pelas cores ou pela marca, e perceber ao longo do tempo que todos utilizam chuteiras falsificadas, pelo menos para treinar. Era possível e frequente ouvir as conversas entre eles compartilhando dicas de onde comprar as melhores falsificações. Apesar dessa curiosidade, não é possível afirmar que as cenas de chuteiras estragando em meio à intensidade dos treinos, eram em decorrência do equipamento *falseta*, como se diz na gíria, mas fato é que a partir dessa derrota para o Aster e a pressão da diretoria os treinos ficaram mais pegados e violentos.

Durante essa semana que antecederia outro jogo treino a ser realizado em Minas Gerais contra a Tombense, em meio a tradicional roda de orações que dá início aos trabalhos no campo de treinamento, Rodrigo Cesar tomou a palavra para novamente consolar os jogadores pela derrota e pedir a eles que mirem nos adversários mais difíceis que virão pela frente. Nessa fala houve um relato pessoal do treinador, que lembrando seus tempos de atleta, compartilhou com o grupo, sem entrar em muitos detalhes, que durante um período sofreu com depressão e não conseguia se concentrar na sua carreira. Ele relatou que uma das maiores frustrações dele foi não ter se tornado rico enquanto jogava, dando a entender que houveram oportunidades não aproveitadas para que esse objetivo fosse atingido, e agora, como treinador ele deseja ser bem-sucedido. Além da questão financeira, o comandante classificou sua família como sua grande conquista. A esposa e a filha pequena de Rodrigo eram presenças frequentes durante os treinos e nos jogos da equipe durante a temporada.

A roda de oração era um momento que me deixava constrangido, pois ali todos falavam baixo, como se não quisessem ser escutados. Poucas foram as vezes que eu tive coragem de me aproximar, mas nas poucas vezes que fiz isso jamais me senti que minha presença ali era um incômodo. De toda forma, me sentia invadindo uma esfera privada da convivência dos que ali estavam. Nem todos possuíam a mesma religião, mas o pai nosso e a ave maria eram a linguagem comum ali, com as devidas variações na letra da reza, que creio ser característica de diferentes vertentes do catolicismo. Durante a conversa sobre depressão puxada por Rodrigo Cesar, o motivo do papo foi revelado. Castolo, atleta da base do clube, aos prantos, revelou aos colegas que um familiar seu estava sofrendo com um grave problema de saúde. Após um momento de solidariedade no qual todos abraçaram e consolaram o jovem, foi solicitado a Erasmo, o preparador de goleiros da equipe, que conduzisse uma oração em nome do parente de Castolo. Geralmente era Erasmo que cumpria esse papel, o que me levou a crer que ele era pastor

ou uma pessoa com ligação importante a alguma igreja. Após a oração, todos, inclusive Castolo, pareciam revigorados e o treinamento que se seguiu em meio ao gramado encharcado pela chuva foi um dos mais intensos que presenciei. Infelizmente a jovem promessa não teve um bom desempenho. Ele era um dos jogadores mais cobrados pelo elenco e por Orlando da Hora, o empresário/auxiliar, que era uma figura ríspida no trato com todos os jogadores, apelando sempre para xingamentos e cobranças exageradas. Em um momento, pilhado por tudo que se passava, Castolo chegou duro em uma dividida com Guilherme, o titular e um dos líderes da equipe, que apesar de ser mais alto e forte acabou levando a pior e teve que se retirar do treino por conta disso.

Além dos relatos de Rodrigo Cesar e da situação de Castolo, testemunhei alguns outros dramas durante meu período de observação. Um caso emblemático foi o de Bernardo, centroavante de força e entrega física. Esse jogador teve um momento de destaque em temporadas passadas, marcando gols importantes, mas uma lesão no ligamento do joelho o tirou de cena por vários meses. Durante o período da Copa ES, em meu primeiro contato com o elenco, ele ficava apenas sentado, observando os colegas treinarem com um olhar que transparecia melancolia. Certa vez, chegou a dizer para mim que cogitava a aposentadoria, pois não tinha certeza se iria voltaria a jogar da mesma forma, mas ponderou afirmando que jogar futebol era a única coisa que sabia fazer. Na pré-temporada que estou aqui descrevendo, Bernardo já estava treinando com bola e fazendo exercícios mais pesados, mas era notável a insegurança em sua perna esquerda e uma passada cambaleante, dificultada ainda pela alta estatura. Foi comum ver desentendimentos entre Bernardo e seus colegas, que muitas vezes se irritavam com lances em que claramente suas limitações físicas prejudicavam a já não tão refinada técnica. Porém, era evidente nos treinos que apesar de tudo Bernardo tinha faro de gol. Durante a temporada, ele foi utilizado em circunstâncias pontuais, quando o time precisava segurar a bola na frente, mas infelizmente não era um jogador que entusiasmava a torcida.

Há também a história de William, um dos atletas mais simpáticos do elenco e responsável por me dar o apelido de “Sorín”, dada a semelhança, ao menos no visual, com o craque argentino, alcunha essa que facilitou minha identificação com todas as pessoas presentes no dia a dia do clube. Certa vez, o gigante de quase dois metros de altura, questionou o que eu tanto escrevia em meu caderno. Expliquei a ele que eu estava registrando o dia a dia dos treinamentos por escrito, para realizar minha pesquisa da faculdade, mas ele cismou que eu estava na realidade escrevendo um livro. Sempre

curioso, certa vez dei a ele o caderno, mas infelizmente não foi possível decifrar minha caligrafia. William perguntou se eu gostava de ler, ao que respondi que precisava ler bastante por conta do meu curso. Por sua vez, ele disse que o único livro que havia lido na vida tinha sido a bíblia – no que foi complementado por Fábio, o preparador físico, “o único que importa”. No desenrolar da conversa, ao perguntar se o meu interesse sobre futebol era apenas intelectual, eu disse que também adorava jogar, embora não fosse tão bom quanto ele. Fui surpreendido, no entanto, quando William afirmou que não gostava de assistir futebol, nem mesmo se divertia tanto jogando, ele apenas era bom naquilo. Durante uma conversa que escutei, William conversava com outros jogadores sobre a pandemia. Ele relembra o período no qual defendeu as cores de um time do Nordeste. Segundo seu relato, o time se destacou na Copa do Brasil ao eliminar um clube da série A, e afirmava que naquele momento estava vivendo seu auge físico e técnico. Porém, com a pausa forçada pelo avanço do corona-vírus, William se viu obrigado a ficar meses parado em isolamento, longe de casa e da família, sem sequer treinar. Foi uma época em que ele quase cedeu ao alcoolismo, mas, segundo seu relato, com a ajuda da fé e a retomada das atividades profissionais, o atleta conseguiu uma transferência de volta para o futebol capixaba.

Conforme foram se acostumando com a minha presença, os jogadores quase esqueciam que eu estava ali, mas um ou outro, para puxar assunto em momentos de descanso, perguntavam o que eu estava fazendo, todavia, admito que tinha dificuldade em explicar. Outros, entretanto, eram completamente indiferentes à minha atividade e presença. Um desses era Marcelo, goleiro reserva da equipe. Falastrão e com uma personalidade forte, ele tinha as características de um líder. Devido as frequentes contusões do goleiro titular, Marcelo acabou jogando bastante na temporada, mas por ter um histórico de identificação com a rival Desportiva Ferroviária, clube que defendeu por anos, a torcida pegava muito em seu pé. Marcelo tinha problemas com o Arthur, jogador de defesa que também tinha personalidade forte e muito influente no grupo, por conta de um gol de falta sofrido de autoria do defensor na época em que este defendia as cores do Rio Branco, arquirrival da Desportiva e também do Vitória. O gol foi tão marcante que Arthur tatuou o lance em sua perna, para ira de Felipe que não dirigia a palavra ao colega por conta desse episódio. Em um dos treinos, o veterano goleiro estava machucado e apenas assistiu o trabalho dos colegas, gritando e orientando seus rivais na disputa por posição. Eu nunca havia conversado com ele, então tomei coragem e sugeri um exercício: contei para ele, com minhas palavras, no que consistia a minha pesquisa e o que consegui

dizer naquele momento é que estava estudando os diferentes estilos de jogo que podemos observar no futebol e que queria analisar como seria construído o estilo de jogo do Vitória durante a pré-temporada. Ele não pareceu se interessar na minha discussão, e estava mais concentrado em assistir ao treino, mas no pouco que falou, tentou me dar algumas dicas. Perguntei o que ele achava do estilo de jogo de Pep Guardiola, e ele relatou já ter lido um livro sobre o espanhol, compartilhando uma interessante observação sobre como Guardiola está sempre treinando o mesmo time, o que muda são os jogadores, nunca as características do esquema.

Como relatei na introdução, eu pretendia que o meu estudo fosse mais teórico até ter a ideia e a oportunidade de fazer a observação participante no Vitória. Mas mesmo com esse redirecionamento epistemológico, o meu olhar esteve sempre atento para o trabalho tático da comissão técnica e para a maneira como os jogadores reagem a isso. Um dos últimos treinos do mês de dezembro de 2022 marcou a véspera de um amistoso “secreto” entre o Vitória, e o rival Rio Branco. O jogo foi combinado pelas diretorias pois a ambos clubes interessava um teste de verdade antes do início do Campeonato Capixaba, mas a partida foi mantida em segredo da imprensa e das torcidas, para evitar que houvesse concentração de torcedores e possíveis desentendimentos e brigas.

Eu não sabia o que esperar da equipe do Rio Branco, mas sabia que era uma equipe inferior no papel. Era o momento mais importante da preparação até então e o retrospecto em amistosos da pré-temporada era ambíguo, com a derrota para o Aster e um empate por 0x0 contra a Tombense em Minas Gerais, encarado como vitória por se tratar de uma equipe da Série B. Em sua preleção, Rodrigo Cesar reforçou a importância de cada jogador se manter concentrado e preparado para jogar a qualquer momento, pois todos iriam ter oportunidades. Sobre o plano de jogo, as instruções do time eram trabalhar a bola com calma, jogando por dentro a partir de tabelas e aproximações. Rodrigo fazia questão de destacar a todo momento que os melhores jogadores precisavam se procurar e se agrupar nas laterais do campo, argumentando que “uma hora a jogada vai sair, porque aqui tem muita qualidade”. Durante os treinos ele pausava a jogada, repetia esse discurso, e pedia aos jogadores que tentassem realizar o plano. Maxwell, o analista/auxiliar, fazia coro a Rodrigo, mas eles visivelmente falavam línguas diferentes. Ao seu modo e com certa timidez, Max também dava recomendações aos jogadores, mas fazia isso usando conceitos mais abstratos como “temporiza”, “diminui o espaço”, “ataca a linha”, etc. As dinâmicas ensaiadas durante a semana eram decididas em reuniões no vestiário da comissão técnica, e ali Maxwell tinha bastante participação, sugerindo treinos e

principalmente dividindo o grupo de jogadores em times equilibrados, não necessariamente titulares contra reservas, para dar ritmo de jogo a todos e fortalecer a competição interna.

Mas eu notei que, no que se refere a concepção de jogo, Rodrigo e Maxwell pensam diferente. Parecia haver uma batalha silenciosa na qual os dois cediam em alguma medida. Os treinos sugeridos por Maxwell, estimulavam jogadas mais ensaiadas e movimentações pré-estabelecidas. Segundo ele, a falta desse repertório era uma fraqueza da equipe. Um treino em específico que cheguei a registrar no meu caderno, foi praticamente comandado por Max, que estabelecia princípios ofensivos do jogo de posição, filosofia predominante hoje no futebol mundial. Sobre os detalhes desse estilo de jogo irei comentar nos capítulos seguintes, mas nesse treino notei muitos erros e certa impaciência dos jogadores. Os zagueiros se posicionavam no círculo central e ambos os laterais subiam, para oferecer amplitude e “abrir” o campo. Com isso, os pontas infiltravam a área junto com os dois atacantes e um dos meias. O exercício, treinado a exaustão, consistia no zagueiro passar para o volante, que passava para o lateral. Esse lateral precisava dominar e inverter a jogada para a outra ponta, onde supostamente estaria o outro lateral em situação de mano a mano. Mas para esse tipo de jogada funcionar em meio a pressão da marcação adversária, é preciso que os jogadores mantenham suas posições e não errem passes. O principal problema desse tipo de abordagem é que em alguns momentos ela é contra intuitiva do ponto de vista do atleta, pois por mais que dentro de campo ele enxergue outras possibilidades, é preciso optar pela segurança do que está sendo ensaiado. Em meio aos muitos erros, Rodrigo Cesar falou em voz baixa para seus colegas de comissão: “a orientação está sendo passada, se eles não fazem, a culpa não é nossa”.

Conscientes disso ou não, técnico e auxiliar trabalhavam com treinamentos ecléticos, como se misturassem técnicas de estilos de jogo diferentes. Obviamente, esse pode ser um problema metodológico do pesquisador, já que estou pensando a partir de tipos ideais, mas, esse ecletismo também pode ser um sinal de que aquele é um time que jogará para vencer, não importa o modo. A questão, porém, passa pelos jogadores. Treinos com esse nível de abstração não se repetiram durante a passagem de Rodrigo Cesar pelo clube, e ao fim deste treino que descrevi, foi possível ouvir alguns jogadores insatisfeitos. Escutei o volante Geraldo conversando com o Arthur, lateral direito e “rival” do goleiro Marcelo, reclamando do princípio epistemológico do treinamento, argumentando em tom de protesto: “não existe isso de abrir o campo não! ”.

Curiosamente, tratava-se de uma conversa entre um volante, e um lateral, as duas posições mais exigidas em termos de disciplina tática em um sistema posicional, pelo número de funções que precisam fazer. Isso é interessante e aponta para uma espécie de “divisão do trabalho” interna ao próprio modelo de jogo.

Sobre o amistoso, o Vitória acabou sendo derrotado pelo Rio Branco pelo placar mínimo. Os rivais entraram para disputar à vera, em clima de revanche pela derrota na Copa Espírito Santo, enquanto o alvianil entrou com uma mentalidade de treino. Em uma bobeira da zaga logo no começo do jogo, o Rio Branco marcou, e depois disso, o jogo foi só *catimba*. Foi também um confronto de propostas de jogo distintas. O Vitória apostava em ditar as ações do jogo com a bola enquanto os rivais montaram uma clássica retranca. Deu para perceber que os jogadores ficaram nervosos após tomar o gol e isso fez o time jogar pior. Algumas escolhas e substituições de Rodrigo renderam “cornetadas” dos jogadores que estavam no banco, que só foram ouvidas por mim porque acabei me especializando em ouvir as conversas dos outros durante a execução deste trabalho.

O clássico secreto marcou o início da reta final da preparação para o início do campeonato e o saldo negativo dos amistosos da pré-temporada era sinal de que haviam ajustes a serem feitos. Pensando nisso, a comissão técnica organizou uma apresentação para os atletas, com direito a power-point e slides com dados da preparação física e uma explicação conceitual do modelo de jogo pensado para a equipe, modelo esse que já vinha sendo colocado em prática nos treinamentos. A apresentação foi dividida em duas partes: primeiro, Fábio mostrou os dados que havia coletado desde o início da preparação dos atletas, destacando que houve um progresso significativo em muitos jogadores que melhoraram seu condicionamento físico, mas a contrapartida de expor em tom de cobrança aqueles que ainda apresentavam percentuais de gordura acima da média. Os incentivos de Fábio talvez se assemelhassem aos de Rodrigo Cesar no que se refere ao apelo ao sacrifício em nome do bem material, mas diferente do que acontecia com o treinador, as falas de Fábio eram permeadas por um tom mais professoral e moralista, mas também, há de ser dito, realista, pois a todo momento ele argumentava que para ganhar chances em clubes maiores, era preciso ter “físico de atleta” e que atualmente “não é mais possível dar migué” na preparação física; a segunda parte ficou por conta de Maxwell, que explicou aos atletas, com base em seu material, de que forma a comissão gostaria que a equipe jogasse. Neste momento, minha atenção se dirigiu aos atletas, e logo foi possível perceber que poucos pareciam estar compreendendo. Com um clima de

constrangimento geral no ar, Rodrigo Cesar agradeceu a Maxwell e tomou a palavra. Rodrigo também tentou se ater aos slides, mas com poucos segundos disse em voz alta *“Porra, Max, esse negócio aí tá foda de entender. Eu vou improvisar”*. A partir dessa fala que arrancou algumas risadas do público, Rodrigo passou a explicar com as próprias palavras a maneira que desejava ver sua equipe jogando. Após essa palestra, ouvi uma conversa entre o atacante Miranda e o treinador debochando do vocabulário moderno a respeito de conceitos táticos. Como comentei anteriormente, fiquei sabendo que o treinador do Vitória estava fazendo o curso de formação para treinadores da CBF Academy. Aproveitei o assunto para perguntar a ele o que ele havia achado dessa experiência, e se ele havia aprendido alguma coisa nova. Ele disse que não havia aprendido nada novo, apenas confirmado aprendizados que ele adquiriu em sua carreira como jogador. Segundo Rodrigo Cesar, o futebol moderno continua essencialmente o mesmo, o que muda são as condições de trabalho e o dinheiro que os grandes clubes possuem.

Escutar conversas se tornou uma das minhas especialidades em campo. Talvez as primeiras impressões de meus interlocutores estivessem certas e eu de fato tenha funcionado como um espião, mas não para passar informações para os rivais, e sim, para tentar entender como é o processo de construção de um time de futebol, para além das impressões externas, convivendo com os jogadores e compartilhando de seus dramas, e também de seus pequenos prazeres, como por exemplo, recolher algumas mangas da árvore que fica atrás do placar do estádio, prática rotineira antes e depois dos treinamentos. O aspecto nutricional da equipe ficava por conta de cada um, mas os atletas que moravam no alojamento do clube e ficavam mais dependentes do cardápio do preparado pelo cozinheiro. Os alojamentos ficam no mesmo prédio que as arquibancadas, e os jogadores que não são capixabas, ou que são do interior moram lá.

Durante a pré-temporada, assim como houve a parceria com o fisiologista, houve também uma parceria com Guilherme, bombeiro do estado que também trabalha como nutricionista e tem seu consultório particular. A parceria com o Vitória envolvia a divulgação de seu trabalho<sup>11</sup>. Guilherme compartilhava o plano alimentar dos atletas no grupo de whatsapp da comissão técnica, onde informações relevantes e a programação da semana também eram disponibilizadas. O cronograma com a dieta dos atletas consistia em ingredientes e refeições simples, mas ao mesmo tempo, completas. Eu imaginava que

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://ge.globo.com/es/futebol/times/vitoria-es/noticia/2023/04/24/nutricionista-do-vitoria-es-fala-sobre-rotina-alimentar-no-periodo-que-antecede-a-serie-d.ghhtml>

a diretoria providenciava tudo exatamente como estava no planejamento do nutricionista, mas certa vez cheguei mais cedo no treinamento e fui convidado a tomar café da manhã com os atletas. Me deparei com um cardápio muito mais modesto do que o recomendado, ainda que não fosse nada precário. O trabalho de Guilherme também envolvia o planejamento da suplementação calórica dos atletas e o controle do pré-treino de todos. Ele também preparava um isotônico caseiro para os jogadores tomarem durante os treinamentos. O problema é que a diretoria também negligenciou esse aspecto durante a pré-temporada, não sei se por descaso, ou falta de dinheiro, mas o preparador físico e o treinador chegaram a tirar dinheiro do próprio bolso para pagar suplementos para os jogadores. O interessante é que apesar da revolta de ambos com a situação, eles encaravam esse gasto pessoal como um “investimento”, pois sabiam o quanto a questão nutricional era importante para o decorrer da temporada e tinham confiança de que esse dinheiro iria retornar na forma de vitórias e títulos.

Além do consumo de diferentes tipos de frutas, trazidas pelos funcionários diariamente, e das mangas que eram abundantes nas árvores ao redor do gramado, ao menos uma vez por semana o dirigente Cacau, um dos mais antigos do clube e também um dos mais queridos pelos jogadores, aparecia com uma caixa de paçocas no gramado, distribuindo uma para cada um. No processo, ele conversava com os jogadores e checava se estava tudo bem. Cacau foi um histórico jogador do clube e segundo relatos de quem testemunhou, era dos bons. Seguindo uma recomendação do nutricionista, a paçoca foi aos poucos dando lugar a mariola, sobremesa menos calórica. Até onde pude observar, os jogadores se comportavam de maneira profissional, levando a sério os treinamentos fossem eles físicos, técnicos ou na academia. Alguns jogadores tinham fama de frequentarem pagodes e festas onde a bebida é comum, mas não vi e nem ouvi falar em episódios de indisciplina, bebedeira ou confusão no elenco do Vitória. Certa vez, o indisciplinado fui eu. Em uma oportunidade, em um treino à tarde, aproveitei para ir à praia na parte da manhã. Por lá, tomei uma ou outra cerveja e não me alimentei corretamente, antes de ir para o clube. Ao início dos trabalhos no treinamento meu arrependimento foi imediato. O forte calor e a necessidade de me locomover pelo gramado para acompanhar as atividades dos jogadores e da comissão exigiam relativa disposição física, por mais que eu não fosse um dos atletas.

No sentido disciplinar, e também no acolhimento, dois personagens ainda não citados foram fundamentais durante meu período no clube. São eles Joílson e Zé, a dupla de massagistas do Vitória, responsáveis também por auxiliar nos serviços gerais,

organizando a infraestrutura dos treinamentos, carregando cones, pesos, obstáculos e também as caixas térmicas com água para jogadores e comissão. Para me sentir útil, passei a ajuda-los nessas funções, o que fez com que os dois se afeioassem a mim. Zé separou e personalizou uma garrafa para mim assim que percebeu que eu seria uma presença constante. Entre brincadeiras e piadas de gosto duvidoso, os dois em muitos momentos se preocupavam mais com a minha imagem perante o grupo do que eu mesmo. Certa vez, Zé percebeu que minha bermuda preta e minha camisa azul do Vitória não estavam combinando com a meia branca e recomendou que eu fosse até o vestiário solicitar uma meia do clube. Ele também já havia recomendado que eu não fosse aos jogos do Vitória de bermuda, pois nos dias de jogo é preciso estar elegante, ainda mais eu que estava “a trabalho”.

Houve outro episódio marcante para mim que aconteceu no dia da estreia do Vitória no Capixabão. Eu não poderia acompanhar a partida de dentro do gramado, pois é um evento oficial que necessita de credenciamento. Mas tinha a liberdade para transitar entre os bastidores antes da entrada dos jogadores em campo para o aquecimento. Os atletas estavam no vestiário ouvindo música, resenhando e acertando os últimos detalhes para o jogo. Resolvi ir até o vestiário da comissão e lá encontrei Rodrigo Cesar sozinho, fumando, uma cena que nunca havia presenciado. Me aproximei e perguntei se ele estava nervoso com a estreia ao que ele respondeu que sim, sem falar muito mais. Era a primeira partida dele como treinador em um Campeonato Capixaba e o adversário era simplesmente a Desportiva. Senti a liberdade naquele instante de me juntar a Rodrigo, perguntando se eu também poderia ascender um cigarro e permanecemos ali. Após esse momento, ele disse que iria entrar no vestiário para dar a preleção e eu o acompanhei. No dia seguinte, Jôilson se aproximou de mim e disse que encontrou bitucas de cigarro no vestiário da comissão. Eu lhe disse que havia fumado. Surpreso, ele me deu um toque, argumentando que eu não deveria fumar nas dependências do clube, pois além de fazer mal, os dirigentes poderiam achar ruim. Segundo ele, era preciso que eu mantivesse o profissionalismo. Apesar de ter explicado algumas vezes que era estudante de ciências sociais, Jôjô, como era chamado por todos, achava que eu era jornalista. Ele citou o nome de alguns profissionais de imprensa que passaram pelo futebol capixaba, incluindo a ilustre jornalista Barbara Coelho, hoje no Sportv, e disse que se quisesse chegar no patamar dessas pessoas, precisava me comportar de acordo com as exigências da profissão.

Pedro, o fisioterapeuta contratado pelo clube, compunha o trio com os dois massagistas sendo as pessoas mais descontraídas do ambiente e fazendo piadas com todos. Novamente ressalto que a minha aparência causava algum tipo de incômodo estético. Ele me apelidou de “Che-Guevara”, por conta do cabelo e do fato de eu estudar na UFES. Certa vez, Joílson se aproximou de mim e disse que estava preocupado comigo pois tinha ouvido boatos entre os jogadores de que eles estavam se organizando para pregar uma peça em mim para assim poder raspar o meu cabelo junto com os meninos da base que estavam sendo integrados ao elenco. Ele me aconselhou a tomar cuidado com uma aproximação excessiva ao grupo de jogadores, de modo que eles confundam minha atividade/trabalho com brincadeiras que pudessem desencambar para violência ou *bullying*. Acredito que não tenha sido um comentário ingênuo, e partir dali passei a tentar lidar de outra forma com as brincadeiras do elenco.

Sobre a estética dos atletas e o ambiente do vestiário, algumas coisas me chamaram atenção, principalmente nas primeiras impressões. Em geral, a grande maioria dos jogadores, mesmo os de 16-17 anos tinham tatuagens. Os cortes de cabelo também apresentavam uma certa unanimidade, já que mesmo aqueles com cabelos lisos ou ondulados também usavam cortes “na régua” e alguns atletas também gostavam de descolorir seus cabelos. Reparei também que todos os jogadores eram depilados. Não vi nenhum jogador com pelos nas pernas, e esse foi um detalhe que eu de fato prestei atenção. Cheguei a perguntar a Joílson se havia algum motivo para os jogadores se depilarem, mas ele me respondeu que nunca tinha reparado nessa tendência.

Nada durante meu período no campo me causava maior desconforto do que o ambiente do vestiário, embora eu tivesse impressão de que só eu sentia isso ali. Antes de minha experiência no Vitória, já havia frequentado vestiários em aulas de natação, peladas e clubes, mas nunca havia entrado no vestiário de um clube de futebol profissional. Fiquei impressionado com a naturalidade que a nudez e a ausência completa de pudores assumiam naquele espaço. Os banheiros sequer tinham portas, os sanitários não tinham tampa e era comum que, ao chegar para utiliza-los, encontrássemos as dependências sujas. O vestiário da comissão seguia o mesmo padrão e era comum acompanhar conversas entre uma pessoa que estava utilizando o banheiro para fazer suas necessidades e outra que estava trocando de roupa logo ao lado. Lembro que logo em um dos primeiros treinos que acompanhei, a proximidade e o contato físico que os exercícios de aquecimento impunham davam a impressão de uma “tensão sexual” no ar, embora fosse algo quase subliminar. Havia muitas brincadeiras de cunho sexual entre atletas e

colegas da comissão e quando o assunto era mulheres, ainda que de forma discreta e sem falar alto, os comentários eram vulgares e objetificantes. Não é minha intenção fazer nenhum tipo de juízo moral a partir dessas descrições, contudo, nesse aspecto é interessante notar como essa dimensão performática da masculinidade está impregnada na prática esportiva, assim como em instituições totais como igrejas e exército, apesar de ser um ambiente homoerótico em um certo sentido.

Nesse ambiente predominantemente masculino existia uma presença feminina muito importante, que na maioria dos treinos marcava presença. Clara era a fotógrafa oficial do Vitória e também assessora de imprensa do clube, sendo uma das responsáveis por gerenciar o Instagram oficial da equipe. Apesar de ter apenas 19 anos, a jovem realizava seu trabalho com muita competência, estando sempre atenta ao que acontecia no dia a dia do clube. O fim da pré-temporada e o começo do Campeonato Capixaba coincidiu com o fim das minhas férias e o retorno dos compromissos acadêmicos, o que fez com que a minha presença nos treinamentos não fosse mais tão constante. Continuei, no entanto, frequentando todos os jogos do Vitória e indo no clube pelo menos uma ou duas vezes na semana para acompanhar os treinos. Com o início da temporada, a carga de treino precisava ser dosada e a intensidade deles diminuiu em comparação ao auge da preparação prévia. Nesse período, portanto, era Clara quem me atualizava das “fofocas”, das possíveis escalações e dos demais acontecimentos relevantes.

Mencionei brevemente meu encontro com Rodrigo Cesar no vestiário da comissão momentos antes da estreia do time no Campeonato Capixaba contra a Desportiva. O clube não havia vencido nenhum jogo na pré-temporada, mas quando as partidas passaram a valer três pontos, o cenário mudou. Contra os rivais grenás, o Vitória venceu com dificuldade por 2x0. Depois, emendou uma sequência com três resultados positivos, assumindo a liderança do campeonato com 100% de aproveitamento até o confronto contra o Serra. Essa foi uma partida na qual prestei especial atenção, pois o treinador da equipe serrana, o carioca Ney Barreto, desfrutava de certa reputação entre a imprensa e torcida locais por ser um técnico estudioso. Em suas redes sociais, Ney postava filmagens dos treinamentos, explicando de forma didática para seus seguidores os conceitos de jogo nos quais se baseava. Era de certa maneira a antítese de Rodrigo Cesar, que também tinha uma ideia de jogo clara, mas era menos radical nesse sentido preferindo contar mais com a capacidade de improvisação de seus jogadores, no entendimento geral de quem acompanha o futebol capixaba, mais qualificados tecnicamente do que os atletas do Serra. A partida foi, em minha opinião, a melhor de todo o campeonato. O empate por 2x2 foi

um confronto de propostas de jogo distintas, mas bem aplicadas. Assistindo pelas arquibancadas, muitos de meus colegas torcedores criticavam Rodrigo Cesar apesar dos resultados serem favoráveis até aquele momento, por achar que a equipe era menos organizada do que o time dirigido por Ney Barreto. Aos primeiros sinais de insucesso que o Vitória começou a demonstrar na temporada, a torcida começou a pedir uma troca no comando técnico e a sombra de Ney cresceu para cima do treinador do Vitória. Foi o que acabou acontecendo em um futuro próximo.

Mas antes disso, é preciso narrar a derrota mais dolorida de toda a temporada: a partida contra o Remo pela primeira fase da Copa do Brasil. No primeiro treino após o empate contra o Serra, Orlando da Hora, personagem já descrito aqui, fez uma previsão pessimista na frente de todos que estavam presentes, afirmando que o time seria derrotado fora de casa contra o Nova Venécia na rodada seguinte do campeonato capixaba, e também perderia para o Remo. Rodrigo Cesar protestou imediatamente, dizendo para seu auxiliar afastar aquele tipo de pensamento negativo. Passados os dois meses de pré-temporada e muitos episódios de desgaste no dia a dia, Orlando se sentia desprivilegiado. Isso era verdade. Nenhum jogador levava a sério suas orientações e em muitas situações ele interrompia as falas de Rodrigo, em tentativas constrangedoras de chamar atenção para si. Com o tempo, o auxiliar/empresário foi se irritando e passou a descontar sua frustração nos jogadores durante os treinamentos, principalmente os atletas da base. Era comum ele reunir os meninos após o fim dos treinamentos para sessões desgastantes de treinamentos extra, com dinâmicas e exercícios que ele tirava da própria cabeça. Os jogadores do elenco profissional passavam pelos meninos lamentando aquela situação e prestando alguma solidariedade, mas os jovens pareciam não ter coragem de protestar, talvez por medo de alguma represália.

Ironicamente, as previsões nefastas de Orlando se concretizaram. A derrota para o Nova Venécia marcou a primeira derrota oficial do time na temporada e o próximo jogo era o jogo do ano. Tudo o que antecedeu essa partida foi excepcional em termos do que foi costume em meu período no Vitória. Uma equipe da CBF visitou o estádio para colocar telas eletrônicas ao redor do gramado, para que os patrocinadores oficiais da competição nacional pudessem aparecer na televisão. Em jogos muito especiais, como era o caso, a diretoria do clube pagava um hotel para todo o elenco e comissão se concentrarem com maior conforto na noite anterior a partida. Ao ficar sabendo que a preleção para essa partida ia acontecer no próprio hotel, pedi a Rodrigo Cesar para que eu pudesse comparecer, pois gostaria de presenciar esse momento tão importante da

temporada. Assim eu fiz, horas antes da partida me desloquei até Cariacica, onde ficava o local em que todos se encontravam. Após a janta e um pequeno intervalo, todos se reuniram numa pequena sala no saguão do hotel, para que tivesse início a preleção do treinador. Rodrigo Cesar foi jogador do Vitória na temporada de 2020, ano em que o clube capixaba conseguiu a façanha de eliminar o CSA de Alagoas na primeira fase da Copa do Brasil e chegou muito perto de levar a disputa da segunda fase contra o Figueirense para os pênaltis, onde os torcedores (eu incluso) acreditávamos que levaríamos vantagem, pois à época nosso goleiro era um especialista em penalidades máximas. Infelizmente, o clube catarinense marcou um gol no fim do jogo, frustrando as expectativas de todos, mas a campanha foi digna. Rodrigo, agora como treinador, relembrou essa experiência a todos seus jogadores mostrando um vídeo da torcida festa alvianil no dia da partida contra o CSA. Todos assistiram em silêncio a filmagem, mas eu não resisti e, em uma de minhas raras manifestações, fiz questão de dizer a todos ali que eu estava lá no meio da torcida. De alguma maneira eu quebrei o clima que havia ali, mas no que consistia o sentimento geral dos jogadores naquele instante, não sei se pude apreender. O ambiente estava estranhamente tranquilo, como se aquela fosse uma partida corriqueira, os jogadores estavam aparentemente concentrados e descontraídos. Apesar da morosidade na concentração foi visível o nervosismo da equipe durante a partida. Um dos jogadores do Vitória chegou a vomitar em campo, possivelmente por conta da pressão. A partida foi disputada e o time alvianil chegou a oferecer algum perigo em jogadas pontuais, mas durante os noventa minutos foi o Remo quem ditou o ritmo do jogo, mesmo sem a bola. Em um contra-ataque mortal, Muriqui, um dos destaques do time paraense decidiu o confronto.

A derrota foi muito frustrante, e teve impactos imediatos. A profecia maldita de Orlando, que de fato se cumpriu, foi a gota d'água para Rodrigo Cesar, que também já demonstrava sinais de desgaste com seu antigo empresário e também chefe. O treinador conversou com a diretoria e pediu a cabeça de Orlando, ameaçando sair caso ele não fosse demitido. Orlando deixou o clube e o Vitória seguiu em frente, tendo como principal objetivo a conquista do Campeonato Capixaba. Nem sempre com o desempenho ideal, e concedendo muitos gols, o alvianil terminou em primeiro lugar geral na classificação. Essa falta de dominância incomodava demais a torcida.

Encaminhando a conclusão dos meus relatos, falo um pouco sobre o que me motivou a pesquisar o Vitória.

A ideia que deu origem ao projeto de pesquisa com o qual ingressei no mestrado era fazer uma pesquisa de caráter teórico, algo que idealizei como uma filosofia das táticas no futebol, ou mesmo uma sociologia do conhecimento da tática, a partir de uma análise mais abstrata do panorama do esporte nos dias de hoje. Não fazia parte dos planos realizar um estudo empírico, ou mesmo uma pesquisa que envolvesse qualquer tipo de “campo”. Contudo, dada a minha condição de torcedor do Vitória, e a proximidade com membros da torcida que eram próximos da diretoria, comecei a imaginar como seria encaixar o clube na minha pesquisa.

Frequentar os bastidores do Vitória foi um privilégio enquanto torcedor, e de certa forma a realização de um sonho de criança. Estudei durante anos em um colégio que fica em frente ao estádio Salvador Costa. As cores, a camisa azul e a atmosfera do Vitorinha<sup>12</sup> me encantavam desde criança, mas, por uma série de motivos, nunca frequentei os jogos. Sou o único capixaba de toda a minha família e fui criado a maior parte da infância pelos meus avós. Foi acompanhando futebol pela tv com meu avô, assistindo os grandes clubes de Rio, São Paulo e a Seleção Brasileira, que comecei a me interessar pelo esporte, porém, nem ele nem nenhum outro parente próximo demonstrava algum interesse pelo futebol local.

A cultura do futebol capixaba, algo alienígena para grande parte dos habitantes locais, é um tema complexo e interessante, que mereceria uma dissertação de mestrado a parte. Para arriscar algumas linhas a respeito dessa falta de interesse, diria que tem a ver com um processo de Secundarização (Azevedo; Santos, 2008), no qual os torcedores vêem os clubes locais como secundários em relação a clubes de grandes estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, algo potencializado também pela decadência dos clubes capixabas ao longo das décadas, que há anos não marcam presença sequer na Série C. Outro aspecto relevante é o desenvolvimento tardio da organização do futebol capixaba, que permaneceu no amadorismo em muitos sentidos segundo os autores Costa, Alves e Ribeiro (2011). Mas parece haver também algo de particular e que diz respeito ao processo histórico do estado do Espírito Santo, por séculos tratado como uma “barreira verde” de proteção a Minas Gerais, fato histórico que diz muito sobre a dificuldade do

---

<sup>12</sup> Assim como acontece com o América-RJ que é apelidado carinhosamente de “Ameriquinha”, torcedores mais antigos e a imprensa chamam o Vitória de “Vitorinha”. Torcedores mais recentes e meus amigos da torcida organizada detestam o apelido e encaram como um desrespeito, algo que apequena o clube diante dos rivais. Recentemente, até o governador Renato Casagrande foi repreendido por se referir ao Vitória dessa forma e se desculpou. Eu não resisto ao apelido carinhoso, ao menos quando não estou falando em público, talvez pelo diminutivo ser algo que remete a infância.

capixaba em oferecer ao olhar dos outros, e ao de seu próprio, uma identidade bem definida — algo que vai desde a nossa “ausência” de sotaque, à constatação de que quanto mais distante do Sudeste, menos pessoas saberiam apontar o estado no mapa do Brasil. É natural então que o futebol local acompanhe essa tendência e seja uma cultura desconhecida tanto para quem é fora, como para quem é local.

Voltando ao assunto principal, apesar de não ter nenhum incentivo familiar, estudava em frente ao estádio do Vitória e sempre tive curiosidade em frequentar aquele lugar. A convite de um amigo da escola, certa vez resolvi fazer uma aula experimental na escolinha, uma desculpa para adentrar os muros do clube. O campo, gigantesco para uma criança de 10 anos, tinha uma aura mágica e a estrutura por mais simples que fosse, era capaz de produzir um fascínio. Infelizmente, não insisti para meus pais fazerem a minha matrícula, e o Vitória acabou ficando em um lugar esquecido em meio aos anos que se passaram.

Tempos depois, quando já estava no meio da graduação, o mesmo amigo que me convidou a entrar na escolinha de futebol, me convidou para ir a um jogo do Capixabão e a partir dali, virei um frequentador assíduo. Foi com o Vitória que entendi o que significa torcer e amar um time de verdade. Por isso, quando apareceu a oportunidade de ter o clube como um laboratório para testar minhas hipóteses sobre futebol, não pude resistir e aceitei o convite.

Antes da pesquisa para o mestrado, não havia tido muitas experiências com trabalho de campo. Contudo, para a realização de um trabalho do segundo período da graduação em Ciências Sociais, eu e um colega bancamos os antropólogos, indo para duas boates da cidade, frequentadas por públicos bem distintos entre si, munidos com bloquinhos de nota, entrevistando outros jovens e tentando entender porque eles gostavam de frequentar aqueles lugares. Esse exercício de etnografia foi na verdade uma provocação que na época queríamos fazer à concepção de que o pesquisador precisava produzir um estranhamento com seu objeto para realizar seu ofício, por isso, escolhemos etnografar as duas boates, lugares os quais estávamos acostumados a frequentar, portanto, muito mais próximos desse objeto do que distantes.

O erro elementar em nossa provocação era achar que esse estranhamento era algo natural, ou seja, pertencente a uma suposta realidade na qual o outro está lá onde nossa cultura não coincide de forma imediata. Nodari (2015) deixa claro em seu artigo intitulado *Literatura como Antropologia Especulativa* como nós não poderíamos estar mais equivocados:

“Na “Introdução à obra de Marcel Mauss”, Lévi-Strauss (2003, p.25; grifo do autor) sublinhava a “situação particular das ciências sociais”: não só, como nas ciências físicas, “o observador é ele próprio uma parte de sua observação”, ou seja, o sujeito da investigação é também parcialmente seu objeto, mas, além disso, também o “caráter intrínseco” do objeto do cientista social possui uma ambiguidade constitutiva: o seu objeto, as sociedades humanas, são “ao mesmo tempo objeto e sujeito”. A dificuldade que se coloca é da observação do etnógrafo ter como “parte integrante” a apreensão subjetiva que o nativo tem do objeto (o próprio nativo), ou seja, a observação demanda que o etnógrafo faça tal apreensão também como se a vivesse tal como o indígena a vive. Ou seja, para dar conta de um objeto que é um sujeito, seria preciso que o sujeito da investigação se transformasse ele próprio nesse objeto, que ele se objetivasse como um outro sujeito (ou obliquasse: pois o desafio é manter uma posição transversal, ser ao mesmo tempo e conjuntamente sujeito e objeto, eu-próprio e mim-outro). Tal exercício hipotético e ficcional de perspectivismo seria possível, para Lévi-Strauss (2003, p.27; grifos nossos), porque a partilha entre objetivo e subjetivo é ela mesma subjetiva, isto é, contingente, e por isso o ponto de vista pode ser trocado e transformado (e o que era sujeito passar a ser objeto e vice-versa) – trata-se de uma condição própria a toda subjetividade(...) (NODARI, 2015, p.78)

Embora este trabalho não seja propriamente uma etnografia, essa concepção de antropologia enquanto um exercício de ficcionalização, que nos aproxima da literatura e no qual o pesquisador aparece ora como sujeito da pesquisa, ora como objeto, ajudou com que eu me situasse tanto no campo, quando na escrita. Desta forma, deixo o leitor com essas “crônicas” que espero terem sido suficientes para formar um retrato do futebol capixaba e do Vitória Futebol Clube!

## Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Aldo Antonio de; SANTOS, Daniel. Os Torcedores nos Bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital. In: AZEVEDO, Aldo Antonio de. **Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal**. Brasília: Thesaurus, 2008. cap. III, p. 94-124. ISBN 978-85-7062-786-5.

COSTA, Felipe Rodrigues da Costa; ALVES, Fábio Padilha Alves; RIBEIRO, Leonardo Perin Ribeiro. O Espírito Santo no cenário do futebol brasileiro: de 1980 A 2009. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan/abr 2011.

DUTRA, Paulo Cesar. **A História do Vitória Futebol Clube: em fotos e fatos**. 1ª edição. ed. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Vitória, 2015. 74 p.

GRAIZE, Vitor e PONTINI, Igor. **“VITÓRIA F.C”**. Vitória: Pique-Bandeira Filmes, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2neDtC4mfbY&t=827s>. Acesso em: 12 mar. 2024.

NODARI, A. A. A literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 38, p. 75–85, 2015. DOI: 10.18309/anp.v1i38.836. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836>. Acesso em: 18 mar. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol: Releituras**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.